

## ESCALA DE FORÇAS E ESTILOS PARENTAIS: ESTUDO CORRELACIONAL

**Ana Paula Porto Noronha**

*Universidade São Francisco*

**Helder Henrique Viana Batista**

*Universidade São Francisco*

### **Resumo**

Esta pesquisa buscou evidências de validade para a Escala de Forças de Caráter (EFC) baseadas na relação com outras variáveis, verificando correlações entre a Escala de Responsividade e Exigência Parental (EREP) e os estilos parentais. Participaram da pesquisa 24 casais (n= 48) pertencentes a uma comunidade religiosa católica do estado de São Paulo. Qualidades que criam conexão com o universo em busca de sentido e as que implicam cuidado com o outro prevaleceram na amostra. As correlações de Pearson significativas entre estilos parentais e forças variaram de 0,32 a 0,64. Curiosidade, Bondade e Gratidão apresentaram correlações com três índices da EREP. A Responsividade apresentou mais relações com as forças do que a Exigência. Como implicações práticas do estudo, tem-se que orientações de pais e de famílias podem ser baseadas na compreensão de clima psicológico-emocional saudável, uma vez que os pais podem contribuir para o desenvolvimento de pontos fortes dos filhos.

**Palavras-chave:** Psicologia Positiva; Família; Virtudes; Otimismo.

## CHARACTERS STRENGTHS AND PARENTING STYLES: A CORRELATIONAL STUDY

### **Abstract**

This research sought evidence of validity for character Forces Scale (EFC) based on the relationship with other variables, checking correlations between Responsiveness Scale and Parental Requirement (EREP) and parenting styles. The participants were 24 couples (n = 48) belonging to a Catholic religious community of the state of São Paulo. Predominated in the sample qualities that create connections with the universe in search of meaning and the ones involving care of the other. Significant Pearson correlations between parenting styles and strengths ranged from 0.32 to 0.64. Curiosity, Kindness, and Gratitude showed correlations with three indices of EREP. The Responsiveness had more relations with the forces than Requirement. As practical implications of the study, parents and families counseling can be based on understanding of healthy psychological-emotional climate, since parents can contribute to the development strengths of children.

**Keywords:** Positive Psychology; Family; Virtues; Optimism.

## ESCALA DE FUERZAS Y ESTILOS PARENTALES: ESTUDIO CORRELACIONAL

### **Resumen**

Esta investigación buscó evidencias de validez para el Escala de Fuerzas de Carácter (EFC), fundamentado en la relación con otras variables, comprobando las correlaciones entre la Escala de Responsividade y Exigência Parentales (EREP) y los estilos parentales. Fueron 24 parejas participantes (n = 48), pertenecientes de una comunidad católica del estado de Sao Paulo. Cualidades que crean la conexión con el universo en busca de sentido y que implica cuidado con otro prevalecieron en la muestra. Significativas correlaciones de Pearson entre los estilos parentales y fuerzas variaron de 0,32 hasta 0,64. Curiosidad, bondad y gratitud mostraron correlaciones con tres índices de EREP. La capacidad de respuesta tuvo más relaciones con las fuerzas de que la exigencia. Implicaciones del estudio práctico son que las orientaciones familiares pueden basarse en la comprensión del clima psicológico-emocional saludable, ya que los padres pueden contribuir a los puntos fuertes de desarrollo de sus hijos.

**Palabras clave:** Psicología Positiva; Familia, Virtudes; Otimismo.

## INTRODUÇÃO

Historicamente, a Psicologia investigou aspectos relacionados às patologias humanas em detrimento da preocupação com os aspectos virtuosos dos indivíduos (Seligman, 1998; Seligman & Csikszentmihalyi, 2000). O foco na patologia é compreensível quando se considera os prejuízos psicológicos causados pela Segunda Guerra Mundial. À época, havia a necessidade de minimizar o sofrimento causado por tal evento e, por isso, os aspectos positivos por muito tempo não faziam parte de agendas de pesquisas (Seligman, 2004).

Desta feita, ao assumir em 1990 a presidência da *American Psychological Association* (APA), Seligman propôs um novo movimento, denominado psicologia positiva, que ressaltou a necessidade de valorizar os aspectos mais bem estruturados nos seres humanos, mudando o foco da doença para as virtudes e boas qualidades das pessoas. É importante salientar que tal proposta não visava desconsiderar os aspectos patológicos, mas valorizar as fortalezas humanas (Seligman, 2004).

A psicologia positiva sustenta-se em três pilares, a saber: as emoções positivas (felicidade, alegria e esperança, como exemplos); as qualidades positivas (forças de caráter e virtudes); e as instituições positivas (locais de trabalho, escolas, hospitais, comunidades religiosas, famílias ou sociedades). Sob esta perspectiva, o ser humano seria contemplado de maneira integral e as intervenções poderiam ser mais efetivas, cultivando e preservando a promoção de uma boa vida (Peterson & Park, 2006; Seligman, 2004). Com o objetivo de estudar a felicidade humana, a psicologia positiva atenta-se aos aspectos emocionais, às instituições e aos comportamentos positivos, pois conforme a pessoa experimenta estados psicológicos positivos, é provável que mantenha, recupere ou promova o bem-estar e a saúde, prevenindo dessa forma, o desenvolvimento de doenças (Littman-Ovadia & Steger, 2010; Seligman, 2003; 2004; Sheldon & Lyubomirsky, 2004).

Ainda defendendo a contraposição à tendência da patologização, e de maneira específica, ao Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) da American Psychological Association (APA) e à Classificação Internacional de Doenças (CID), da Organização Mundial de Saúde, Peterson e Seligman (2002) elaboraram o *Values in Action (VIA) Classification of Strengths*. O manual segue a mesma diretriz dos manuais de psicopatologias, todavia, foca nas características positivas das pessoas, no que contribui para um desenvolvimento humano ótimo e no que possivelmente torna a vida boa (Neto, Neto, & Furnham, 2014; Park & Peterson, 2006; Peterson & Seligman, 2004).

O VIA foi criado com o intuito de ser um manual de sanidades, de modo que ao apresentar as forças de caráter, Peterson e Seligman (2002) reafirmam a importância de que estudos empíricos se efetivem e sejam utilizadas ferramentas para que as intervenções sejam elaboradas e avaliadas apropriadamente. Isto posto, os autores definiram 24 forças do caráter organizadas em 6 virtudes. Forças

de caráter consistem na capacidade que os seres humanos possuem de pensar, sentir e se comportar, contribuindo para o desenvolvimento da bondade humana. Qualquer pessoa pode desenvolver as forças, que interagem entre si, o que justifica que se modifiquem ao longo do tempo (Peterson & Park, 2006).

A psicologia positiva se atenta a algumas variáveis positivas, como a espiritualidade, religiosidade, resiliência, otimismo, esperança, criatividade e autoimagem, por serem fatores associados com a qualidade de vida e ao bem-estar. A espiritualidade, por exemplo, pode ser uma forma de enfrentamento em meio às dificuldades da vida como um todo (Sposito et al., 2010) ou na relação entre os cônjuges (Garcia & Maciel, 2008; Norgren et al., 2004; Schölsser, 2014). As pessoas que frequentam encontros religiosos (semanal ou diariamente) podem apresentar maiores índices de satisfação com a vida do que pessoas que participam pouco (Ferreira, Pinto, & Félix Neto, 2012) e tendem a apresentar menores índices de solidão e maior bem-estar existencial (Silva et al., 2007). Entretanto, mais estudos sobre essas variáveis precisam ser desenvolvidos (Calvetti, Muller, & Nunes, 2007).

A literatura relacionada à psicologia positiva tem se desenvolvido rapidamente nos Estados Unidos (Aspinwall & Staudinger, 2003; Keyes & Haidt, 2003; Peterson & Seligman, 2004; Snyder & Lopez, 2009), Europa e América do Sul (Barros, Martín, & Pinto, 2010; Marujo Miguel, Neto, & Balancho, 2013; Noronha, Cobêro, Barros, Campos, & Campos, 2014; Poseck, 2006). No entanto, pesquisas precisam ser desenvolvidas, sobretudo no âmbito brasileiro (Lemos & Cavalcante Júnior, 2009; Noronha & Mansão, 2012; Noronha, Delforno, & Pinto, 2014; Pires, Nunes, & Nunes, 2015; Prati & Koller, 2011; Scorsolini-Comin & Santos, 2010a; 2010b), uma vez que a psicologia positiva pode trazer resultados positivos para as pessoas (Cuadra-Peralta et al., 2012).

Dentre as várias temáticas que fazem intersecção com a psicologia positiva estão os estilos parentais, foco do presente estudo. A este respeito, Yunes (2003) afirma que a família tem uma característica "salutogênica". Para a autora, é importante que se verifique nas famílias os aspectos sadios e que tragam benefícios ao grupo familiar, não se fixando somente nos desajustes e falhas. Snyder e Lopez (2009) reforçam a relevância do ambiente como um fator que influencia o desenvolvimento da personalidade da criança. Assim, ambientes promissores, seguros e que estimulem a prática das potencialidades contribuem para o que os indivíduos apresentem recursos para aperfeiçoar suas habilidades; em contrapartida, ambientes familiares ou sociais que focam aspectos negativos tendem a dificultar o aprendizado e a resolução de problemas.

O apoio, o controle e o afeto permeiam a relação dos pais com os filhos e a intensidade afetará o desenvolvimento das crianças. Assim, os estilos parentais são estudados por meio das dimensões de responsividade e exigência (Baumrind, 2005). Responsividade refere-se ao amor que os pais dão aos filhos, o quanto são responsáveis por eles e se envolvem com suas questões, à comunicação

bidirecional, de modo que há um diálogo entre pais e filhos e as decisões são tomadas considerando-se razoavelmente o posicionamento dos filhos. Exigência diz respeito ao controle que os pais exercem sobre os filhos, estabelecendo regras e o cumprimento delas por meio da disciplina e obediência (Baumrind, 2005; Darling & Steinberg, 1993; Maccoby & Martin, 1983; Weber, Bradenburg, & Viezzer, 2003).

Sob esta perspectiva, pais que possuem escores altos em ambas as dimensões são autoritativos, ao passo que os que possuem baixos escores em ambas são negligentes. Os pais autoritários possuem altos escores em exigência e baixos em responsividade e, por fim, pais indulgentes possuem baixos escores em exigência e altos escores em responsividade (Weber et al., 2003). Vale ressaltar que o estilo parental negligente não chega a ser uma negligência abusiva, na qual o filho não tem garantidos os seus direitos básicos, tais como, alimentação, higiene, vestimenta, supervisão, o que acarretaria grandes prejuízos, mas é o estilo no qual os pais não assumem o seu papel e não se envolvem com as questões relacionadas ao filho. A longo prazo, o papel parental pode diminuir ou até desaparecer, restando apenas uma relação funcional entre filhos e pais, em que os últimos pensam apenas nos próprios problemas. Por sua vez, os pais indulgentes são calorosos e tolerantes, preocupam-se com os problemas dos filhos, mas não fazem exigências no que se refere às regras, assim como permitem que os filhos se autorregulem (Pacheco, Teixeira, & Gomes, 1999; Weber et al., 2003).

Os pais de estilo parental autoritário visam controlar o comportamento dos filhos por meio de um padrão estabelecido, por meio da ordem, obediência e autoridade. Pais que se enquadram nesse estilo não estabelecem diálogo com seus filhos e exigem que eles cumpram as regras sem muitas explicações. Em contrapartida, pais autoritativos estabelecem regras e as fazem ser cumpridas por meio do monitoramento e acompanhamentos dos filhos, utilizando-se de métodos não punitivos para disciplinar quando as regras não são respeitadas. Eles reforçam comportamentos maduros e a responsabilidade social, encorajam o diálogo, são calorosos, respeitam o ponto de vista e os direitos de pais e filhos (Pacheco et. al., 1999).

Costa et al. (2000) ressaltam a importância dos estilos parentais no desenvolvimento psicossocial dos adolescentes: no ajustamento social, psicopatologias e desempenho escolar, sendo que os adolescentes que percebem os pais como autoritativos têm melhor desempenho em praticamente todas as áreas do desenvolvimento. Justo, Carvalho e Kristensen (2014) apontam que o estilo parental pode auxiliar os filhos a desenvolverem a empatia, uma habilidade que contribui com as relações interpessoais e relacionamentos saudáveis, consubstanciando-se em um fator de proteção frente às dificuldades emocionais e comportamentais. Tal afirmativa é corroborada por Weber et al. (2003), que salientam que os pais autoritativos tendem a educar melhor seus filhos e possuem maiores índices de otimismo, ao passo que pais negligentes estão associados a aspectos negativos. Quanto aos pais indulgentes e autoritários, são associados em

alguns momentos a aspectos positivos e em outros negativos, sendo uma faixa intermediária.

Dessa forma, ao compreender a relevância dos vínculos familiares no desenvolvimento dos seres humanos com diferenciações de estilos parentais e a importância dos aspectos positivos e fortes da natureza humana propostos pela psicologia positiva, o presente estudo foi desenvolvido com o intuito de verificar as correlações entre os estilos parentais, quando um cônjuge avalia o outro, e as forças de caráter. Mais especialmente, pretende-se buscar evidências de validade para a Escala de Forças de Caráter (EFC) com base na relação com outras variáveis e construtos relacionados, tais como, a Escala de Responsividade e Exigência Parental, além de considerar eventuais diferenças de idade, sexo, tempo de casamento, número de filhos e frequência em cultos religiosos.

## MÉTODO

### *Participantes*

A amostra foi composta por 24 casais heterossexuais com filhos, totalizando 48 pessoas. A faixa etária variou entre 24 e 60 anos, sendo a média 47,46 anos (D.P.=10,02). Os participantes frequentavam uma comunidade religiosa católica do interior do estado de São Paulo.

### *Instrumentos*

A Escala de Forças de Caráter (EFC) foi desenvolvida para o contexto brasileiro por Noronha e Barbosa (2013) com base nos pressupostos de Peterson e Seligman (2004). É composta por 71 itens em escala tipo *Likert* de 5 pontos, variando de 0 (nada a ver comigo) a 4 (tudo a ver comigo). Análises fatoriais de segunda ordem, tomando-se as 24 forças, foram utilizadas como indicadores investigativos da dimensionalidade do instrumento. O número de fatores foi extraído por meio da análise paralela tradicional (PA: Horn, 1965), a *Very Simple Structure* (VSS; Revelle & Roseville, 1979), e o método de casco (Lorenzo-Seva, Timmerman & Kiers, 2011). Os resultados indicaram que o modelo teórico de 6 virtudes não apresentava índices satisfatórios e que a unidimensionalidade era a interpretação mais apropriada (Noronha, Dellazana-Zanon, & Zanon, 2015). Como exemplo de itens para a força amor pela aprendizagem, tem-se: Não perco as oportunidades que tenho para aprender coisas novas. O alfa de Cronbach foi de 0,93.

A Escala de Responsividade e Exigência Parental-EREP (Teixeira, Bardagi, & Gomes, 2004) foi elaborada com embasamento na Escala de Responsividade e Exigência (Lamborn, Mounts, Steinberg, & Dombusch, 1991; adaptada por Costa et al., 2000). Os respondentes do instrumento apontam pela frequência que melhor representam os comportamentos do pai e da mãe (de forma separada). Dessa forma, obtém-se o estilo materno e paterno e a combinação de ambos resulta no

estilo parental do casal. O índice de consistência interna (alfa de Cronbach) apresentou resultados de 0,77 para exigência e 0,93 para responsividade. O instrumento foi utilizado em outros estudos (Bardagi, 2002; Teixeira & Lopes, 2005) e foi considerado válido e fidedigno, sobretudo por meio das análises de consistência interna e na estrutura fatorial das escalas, apesar de os autores sugerirem a exclusão de alguns itens. A escala, em sua versão final, é composta por 24 itens, dos quais 12 referem-se à responsividade e 12, à exigência. Como exemplo de item, tem-se: controla as minhas notas no colégio. Para o presente estudo, as instruções e os itens da EREP foram adaptados para que os pais pudessem responder de que formas as atitudes lhes descreviam. O item "controla as minhas notas no colégio", por exemplo, na adaptação ficou "controlo suas notas no colégio".

### *Procedimentos*

Com a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa de uma instituição de ensino superior (protocolo nº 20410713.3.0000.5514 Universidade São Francisco), foram agendadas as aplicações de acordo com a disponibilidade dos participantes. Dado o consentimento individual para participação na pesquisa por meio da assinatura ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e após o esclarecimento de dúvidas, os participantes responderam aos instrumentos (Escala de Forças e Escala de Responsividade e Exigência Parental). O tempo para o preenchimento dos instrumentos foi de aproximadamente 45 minutos.

### *Análise de dados*

Os dados foram digitados em planilhas eletrônicas. A normalidade da amostra foi testada por dois métodos: Kolmogorov-Smirnov e Shapiro-Wilk. Em ambos, o valor de  $p$  foi  $<0,001$ , caracterizando a distribuição não normal. Posteriormente utilizou-se de estatísticas não-paramétricas para atender aos objetivos do estudo. Mais especialmente, foi utilizado teste de Kruskal-Wallis e o teste U de Mann-Whitney para comparação entre grupos e a correlação de *Spearman* para a investigação da relação entre os construtos forças de caráter e estilos parentais. Para as análises dos estilos parentais, os participantes fizeram a autoavaliação e a avaliação do cônjuge, de acordo com a sua percepção sobre o outro. Assim, os valores são relativos à percepção de si (esposa/esposo) e do cônjuge.

## **RESULTADOS**

A Tabela 1 apresenta as médias referentes às 24 forças na Escala de Forças de Caráter e os Estilos Parentais. Em relação ao último instrumento, estão dispostas as informações relativas à autopercepção e à percepção do outro.

Tabela 1. Estatísticas Descritivas das Forças de Caráter e Estilos Parentais

Forças de Caráter	Mínimo	Máximo	M	DP
Gratidão	5,00	12,00	10,95	1,719
Espiritualidade	6,00	12,00	10,65	1,777
Bondade	7,00	12,00	10,53	1,633
Cidadania	6,00	12,00	9,98	1,476
Esperança	5,00	12,00	9,78	1,874
Imparcialidade	7,00	12,00	9,63	1,580
Amor	5,00	12,00	9,38	1,931
Modéstia	5,00	12,00	9,20	1,652
Autenticidade	5,00	12,00	9,18	2,062
Vitalidade	5,00	12,00	9,15	1,861
Persistência	3,00	12,00	8,98	2,236
Prudência	5,00	12,00	8,95	1,782
Amor pelo Aprendizado	0,00	12,00	8,88	2,757
Bravura	5,00	12,00	8,58	2,037
Pensamento Crítico	1,00	12,00	8,54	2,371
Curiosidade	0,00	12,00	8,41	2,712
Humor	3,00	12,00	8,20	2,472
Auto Regulação	2,00	12,00	7,85	2,402
Perdão	2,00	12,00	7,85	2,739
Inteligência Social	4,00	11,00	7,83	2,037
Liderança	2,00	11,00	7,45	2,320
Criatividade	1,00	11,00	7,33	2,368
Sensatez	2,00	11,00	6,84	2,047
Apreciação pelo Belo	2,00	8,00	6,49	1,449
Estilos Parentais	Mínimo	Máximo	M	DP
Exigência - Auto Percepção	19,00	48,00	35,79	7,012
Responsividade - Auto Percepção	27,00	48,00	43,05	4,926
Exigência - Percepção do Cônjuge	9,00	48,00	34,56	10,354
Responsividade - Percepção do Cônjuge	12,00	48,00	41,56	8,825

Entre as dez forças cujas médias foram mais altas, estão: *gratidão, espiritualidade, bondade, justiça, esperança, imparcialidade, amor, modéstia, autenticidade e vitalidade*. Quanto ao desvio-padrão, a maior variação se deu em

relação ao *amor pelo aprendizado e perdão*. Quanto à Escala de Estilos Parentais, a *autopercepção de responsividade* e percepção de *responsividade* do Cônjuge apresentaram os maiores índices.

Dando continuidade à análise de resultados, procedeu-se à verificação de eventuais diferenças entre os sexos dos participantes quanto às forças. A este respeito, convém destacar que não houve diferenças significativas. Quanto aos estilos parentais, foram encontradas diferenças significativas na autopercepção da exigência ( $U=265,000$ ;  $p=0,035$ ), com média maior para as mulheres.

Quanto à idade, dada a variabilidade, elas foram organizadas em três grupos, de acordo com o quartil, tendo sido considerados o grupo 1 (<Q25), o grupo 2 (igual ou maior que Q25 até igual Q75) e grupo 3 (>Q75). O grupo 1 ficou composto por participantes com idades até 47 anos, o grupo 2 com participantes entre 48 e 51 anos e o grupo 3 foi incluiu participantes com idades entre 52 e 56 anos. A análise dos três grupos em relação às forças de caráter não indicou diferenças significativas. Em relação aos estilos parentais e os grupos de idade, o teste de Kruskal-Wallis indicou índices significativos para *autopercepção da exigência* ( $H=11,043$ ;  $p=0,003$ ), sendo que os participantes mais novos (até 47 anos) se percebem como mais exigentes.

A mesma análise foi realizada quanto ao número de filhos do respondente, a fim de verificar se a quantidade de filhos pode implicar na presença de determinadas forças ou de estilos parentais. Não foram encontrados resultados significativos ( $p>0,05$ ).

Para investigar diferenças de médias entre as forças e a escolaridade, foram considerados três níveis, quais sejam, médio, superior e pós-graduação. Tendo em vista que havia poucos casos no último nível, realizou-se o teste *t* de *Student*, para os dois primeiros (Tabela 2).

Tabela 2. Forças e Estilos Conforme a Escolaridade

Forças e Estilos Parentais	Escolaridade	N	Média	DP	H	p
Justiça	Médio	23	10,30	1,58	0,646	0,023
	Superior	16	9,38	1,09		
Autopercepção de Responsividade	Médio	22	2,00	0,87	1,329	0,040
	Superior	16	2,06	0,85		

Em relação às forças de caráter, houve diferença para *justiça*, sendo que os participantes com ensino médio tiveram médias maiores que aqueles com ensino superior. Além disso, foi encontrada diferença para a *autopercepção de*

*responsividade* dos estilos parentais, de modo que o grupo com ensino superior obteve maior média.

A variável profissão também foi objeto de análise. Para tanto, foi organizada em nível superior (cargos que exijam graduação) e nível médio (cargos de nível técnico), de modo que dois grupos foram compostos. Não foram observados resultados significativos para as forças de caráter e para os estilos parentais.

Tabela 3. Forças e Estilos Conforme a Frequência à Igreja

Forças e Estilos Parentais	Grupos	N	Média	DP	<i>p</i>
Curiosidade	OE	3	3,00	1,73	0,026
	SM	31	8,81	2,41	
	DI	5	9,20	0,84	
Amor pela Aprendizagem	OE	3	4,00	1,73	0,030
	SM	32	9,19	2,56	
	DI	5	9,80	1,48	
Espiritualidade	OE	3	8,00	2,65	0,026
	SM	32	10,72	1,61	
	DI	5	10,65	0,45	

*Nota.* OE = Ocasões Especiais; SM = Semanalmente; DI = Diariamente.

Quanto à variável frequência na igreja apresentaram resultados estatisticamente significativos para *curiosidade*, *amor pela aprendizagem* e *espiritualidade* para o grupo que frequenta a igreja diariamente, enquanto a *apreciação pelo belo* apresentou maior média para os que frequentam semanalmente. Por sua vez, não foram encontrados resultados significativos para os estilos parentais. A Tabela 4 apresenta a os resultados referentes à correlação de *Spearman* entre as forças de caráter e os estilos parentais.

As correlações significativas entre forças e estilos parentais variaram de 0,32 a 0,64. Das 24 forças apenas 5 não se relacionaram significativamente com nenhuma medida da EREP. *Vitalidade*, *bondade* e *esperança* apresentaram correlações com três ou quatro índices do EREP, sendo que as maiores magnitudes se deram com *bondade* e *pensamento crítico* e *responsividade* (auto e do cônjuge, respectivamente). Importante notar que a responsividade se relacionou com mais forças que a *exigência*.

Tabela 4. Correlações entre Forças e Estilos Parentais

Forças e Estilos Parentais	EAuto	RAuto	EPCon	RPCon
Criatividade	0,12	0,20	0,25	0,47**
Curiosidade	0,06	0,24	0,27	0,39*
Pensamento Crítico/ Abertura a Novas Ideias	0,10	0,28	0,36*	0,59**
Amor pelo Aprendizado	0,21	0,30	0,35*	0,47**
Perspectiva/Sensatez	0,09	0,15	0,32	0,48**
Autenticidade	0,04	0,12	0,13	0,37*
Bravura	0,11	0,06	0,29	0,31
Persistência	0,18	0,21	0,36*	0,48**
Vitalidade/Entusiasmo	0,26	0,32**	0,35*	0,38*
Bondade	0,25	0,59**	0,41*	0,52**
Amor	0,02	0,37*	0,15	0,34*
Inteligência Social	0,22	0,35*	0,28	0,36*
Justiça	0,01	0,38*	0,19	0,50**
Liderança	-0,10	-0,00	0,04	0,28
Trabalho em Equipe/ Senso de Coletividade	0,15	0,27	0,32*	0,45*
Perdão	0,26	0,11	0,21	0,20
Modéstia	0,01	0,23	0,14	0,34*
Prudência	0,14	0,22	0,33*	0,44**
Auto Regulação	0,03	0,16	0,15	,027
Apreciação pelo Belo	0,40*	0,35*	0,20	0,20
Gratidão	0,12	0,47**	0,19	0,36*
Esperança e Otimismo	0,39*	0,35*	0,40*	0,50**
Humor	-0,03	0,04	-0,05	-0,07
Espiritualidade/ Religiosidade	0,27	0,16	0,31	0,19

Nota. EAuto = Exigência - Autopercepção; RAuto = Responsividade- Autopercepção; EPCon = Exigência - Percepção do Cônjuge; RPCon = Responsividade - Percepção do Cônjuge. \*p< 0,05; \*\* p< 0,01.

## DISCUSSÃO

O presente estudo teve como objetivo investigar evidências de validade para a Escala de Forças de Caráter, por meio das relações com estilos parentais. Além disso, analisou diferenças de médias para ambas as escalas conforme as variáveis sociodemográficas. A justificativa para o estudo centra-se na quantidade incipiente de estudos nacionais, o que inclui a construção de instrumentos, de construtos abordados pela psicologia positiva, tal como destacado por Barros et al. (2010), Marujo et al. (2013), Noronha et al. (2014) e Scorsolini-Comin e Santos (2010a; 2010b). Ao lado disso, as forças de caráter, objeto de estudo da presente investigação, tem sido identificadas como fatores protetivos (Littman-Ovadia & Steger, 2010; Seligman, 2003), que podem contribuir para o desenvolvimento saudável dos seres humanos (Cuadra-Peralta et al., 2012; Snyder & Lopez, 2009) e, sendo a família e as relações entre os membros, fontes de experiências e aprendizagens, a associação entre forças e estilos parentais deve ser pesquisada (Brum, Maravieski, & Bertim, 2013; Hutz & Zanon, 2011; Portugal & Isabel, 2013; Ramos & Canavarro, 2007; Weber, Brandenburg, & Viezzer, 2003). Estilos parentais, por sua vez, são entendidos como um padrão comportamental de relações entre pais e filhos (Darling & Steinberg, 1993).

No que diz respeito às estatísticas descritivas, de modo geral, pode-se afirmar que as forças mais endossadas referem-se às interpessoais e de transcendência: *gratidão* (o quanto o indivíduo está ciente e grato pelas coisas boas da vida), *espiritualidade* (implica acreditar em um propósito maior na vida), *bondade* (característica que os indivíduos possuem de ajudar e fazer boas ações aos outros), *justiça* (tratar as outras pessoas de maneira igualitária e justa), *esperança* (acreditar que o melhor está por vir e trabalha em direção a tal meta), *imparcialidade* (está ligado ao trabalho realizado como membro de um grupo social e ser leal aos seus princípios), *amor* (característica de valorizar os relacionamentos íntimos, com o intuito de cuidar de seus pares), *modéstia* (representa as características dos indivíduos que não se exaltam, permitindo que as ações falem por si), *autenticidade* (característica com que as pessoas se apresentam de forma verdadeira, genuína em suas falas e ações) e *vitalidade* (encarar a vida com entusiasmo e energia), tal como apontado por Peterson e Seligman (2004) e reiterado por Neto et al (2014). Assim, estão mais presentes na amostra aquelas qualidades que criam uma conexão com o universo em busca de sentido e as que implicam cuidado com o outro. Quanto aos estilos, a *responsividade*, que inclui atitudes empáticas, de compreensão e de apoio emocional (Maccoby & Martin, 1983) se destacou.

Tais resultados podem ser justificados pelas características da amostra, uma vez que os participantes são frequentadores de uma comunidade católica. A este respeito, tal como defendido por Sposito et al. (2010), a religiosidade/espiritualidade favorece o enfrentamento das dificuldades e pode beneficiar a satisfação consigo e nas relações interpessoais. Em alguma medida, a afirmação é reiterada por Justo et al. (2014), que ao estudarem crianças encontraram que as atitudes empáticas melhoram a qualidade das relações, além de se consubstanciar em fator protetivo para dificuldades emocionais e comportamentais.

No que diz respeito às diferenças de médias entre características pessoais e contextuais, convém destacar que foram investigados sexo, idade, número de filhos, escolaridade, profissão e frequência à igreja, com caráter exploratório. Os resultados mais expressivos foram relativos à frequência à igreja, o que também ocorreu com os achados de Ferreira et al. (2012) e Silva et al. (2007). Os autores encontraram que pessoas que participam da igreja com maior frequência tendem a apresentar bem-estar psicológico e menores índices de solidão. No entanto, há que se ressaltar que das 24 forças, apenas três revelaram resultados significativos, a saber, *espiritualidade*, *curiosidade* e *amor pela aprendizagem*. Infere-se que os resultados podem ter sido influenciados pelo pequeno número de participantes, e em razão disso, sugere-se a continuidade das investigações.

As evidências de validade para a EFC foram investigadas por meio da relação com estilos parentais, mais especialmente pelo uso da Escala de Responsividade e Exigência Parental. Houve mais relações com *responsividade*, entendida como o diálogo entre pais e filhos, que pauta as decisões e considera o posicionamento dos filhos (Maccoby & Martin, 1983). A este respeito, Baumrind (2005) afirmou que a *responsividade* está associada ao afeto, que por sua vez, envolve sensibilidade, aceitação e compromisso, enquanto a *exigência* implica cobrança e obediência. Ao lado disso, as forças *vitalidade* (encarar a vida com entusiasmo e energia), *bondade* (desejo de fazer boas ações) e *esperança* (acreditar que o melhor está por vir e trabalha em direção a tal meta) tiveram coeficientes mais expressivos com *responsividade*. As forças citadas estão entre as mais frequentes na amostra estudada, como se pode perceber pelas estatísticas descritivas. Desta feita, pode-se compreender que quanto maior a *responsividade*, mais frequentes tais forças de caráter, reforçando o princípio de evidência de validade buscada no presente estudo, assim como as asserções de Seligman (1995) no sentido de que é necessário esperar mais dos filhos do que saúde física; é desejável que eles tenham clareza de suas fraquezas e de seus pontos fortes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre as várias temáticas que fazem intersecção com a psicologia positiva estão os estilos parentais, foco do estudo. À família tem sido atribuída uma ênfase

“salutogênica”, ou seja, é sugerido que os aspectos sadios e de sucesso do grupo familiar, para além dos desajustes e falhas, sejam analisados (Yunes, 2003). Nesse sentido, os pais podem estimular seus filhos a valorizarem os aspectos positivos, uma vez que as relações familiares e as relações com os sistemas que se estabelecem com grupos próximos (escola, amigos e parentes) são componentes essenciais, que interferem na forma como o indivíduo enxergará o mundo, desenvolverá experiências de aprendizagens, assim como na autoestima (Brum et al., 2013; Hutz & Zanon, 2011; Portugal & Isabel, 2013; Ramos & Canavarro, 2007; Weber et al., 2003).

Como implicações práticas do estudo, tem-se que orientações de pais e de famílias em situações clínicas, educacionais ou institucionais, podem ser baseadas na compreensão de clima psicológico-emocional saudável. Assim, as atitudes dos pais devem facilitar o desenvolvimento da autonomia, da disciplina da responsabilidade e de seus pontos fortes (Reppold, Pacheco, Bardagi, & Hutz 2002).

As limitações do estudo são percebidas quando no pequeno número e na homogeneidade da amostra, uma vez a maior parte da amostra participa de forma semanal ou diária, ou seja, não foi possível fazer comparações com participantes que não frequentavam a igreja. A presente pesquisa pode ser um propulsor para novas pesquisas no âmbito familiar, de forma que os estilos parentais podem contribuir para o desenvolvimento de características positivas de seus filhos.

## REFERÊNCIAS

- Aspinwall, L., & Staudinger, U. M. (2003). *A psychology of human strengths: Fundamental questions and future directions for a positive psychology*. Washington, DC: American Psychological Association.
- Bardagi, M. P. (2002). *Os estilos parentais e sua relação com a indecisão profissional, ansiedade e depressão dos filhos adolescentes*. (Dissertação de Mestrado). Recuperado de <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/2147>
- Barros, R. M. A., Martín, J. I. G., & Pinto, J. F. V. C. (2010). Investigação e Prática em Psicologia Positiva. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 30(2), 318-327. doi:10.1590/S1414-98932010000200008
- Baumrind, D. (2005). Patterns of parental authority and adolescent autonomy. *New Directions for Children and Adolescent Development*, 108, 61-69. doi:10.1002/cd.128
- Brum, L. F. S., Maravieski, S., & Bertim, F. R. S. (2013). Influência do visagismo e da maquiagem na autoestima de adolescentes institucionalizadas. *Revista Interdisciplinar de Estudos em Saúde*, 2(2), 11-24.
- Calvetti, P. Ü, Muller, M. C., & Nunes, M. L. T. (2007). Psicologia da saúde e Psicologia Positiva: Perspectivas e desafios. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 27(4), 706-717. doi:10.1590/S1414-98932007000400011

- Costa, F. T., Teixeira, M. A. P., & Gomes, W. B. (2000). Responsividade e Exigência: Duas Escalas para Avaliar Estilos Parentais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13(3), 465-473. doi:10.1590/S0102-79722000000300014
- Cuadra-Peralta, A., Veloso-Besio, C., Puddu-Gallardo, G., Salgado-Garcia, P., & Peralta-Montecinos, J. (2012). Impacto de un programa de psicología positiva en sintomatología depresiva y satisfacción vital en adultos mayores. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 25(4), 644-652. doi:10.1590/S0102-79722012000400003
- Darling, N., & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: an integrative model. *Psychological Bulletin*, 113(3), 487-496. doi:10.1037/0033-2909.113.3.487
- Ferreira, A. V., Pinto, M. C., & Félix Neto (2012). Religiosidade e bem-estar em estudantes portugueses, brasileiros, moçambicanos e angolanos. In Leandro S. Almeida, Bento D. Silva, & Amanda Franco (Eds.), *Atas do II seminário internacional "Contributos da psicologia em contextos educativos"* (pp. 1580-1591).
- Garcia, A., & Maciel, M. G. (2008). A influência da religião na busca do futuro cônjuge: um estudo preliminar em comunidades evangélicas. *Psicologia: Teoria e Prática*, 10(1), 95-112. Recuperado de <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=193818625008>
- Hutz, C. S., & Zanon, C. (2011). Revisão da adaptação, validação e normatização da escala de autoestima de Rosenberg. *Avaliação Psicológica*, 10(1), 41-49. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-04712011000100005](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712011000100005)
- Justo, A. R., Carvalho, J. C. N., & Kristensen, C. H. (2014). Desenvolvimento da empatia em crianças: a influência dos estilos parentais. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 15(2), 510-523. doi:10.15309/14psd150214
- Keyes, C. L. M., & Haidt, J. (2003). *Flourishing: Positive psychology and the life well lived*. Washington DC: American Psychological Association.
- Lamborn, S. D., Mounts, N. S., Steinberg, L., & Dombusch, S. M. (1991). Patterns of Competence and Adjustment among Adolescents from Authoritative, Authoritarian, Indulgent, and Neglectful Families. *Child Development* 62(5), 1049-1065. doi:10.2307/1131151
- Lemos, P. M., & Cavalcante Júnior, F. S. (2009). Psicologia de orientação positiva: uma proposta de intervenção no trabalho com grupos em saúde mental. *Ciência e Saúde Coletiva*, 14(1), 233-242. doi:10.1590/S1413-81232009000100029
- Littman-Ovadia, H., & Steger, M. (2010). Character strengths and well-being among volunteers and employees: Toward an integrative model. *The Journal of Positive Psychology Publication*, 5(6), 419-430. doi:10.1080/17439760.2010.516765

- Maccoby, E., & Martin, J. (1983). Socialization in the context of the family: Parent-child interaction. In E. M. Hetherington (Org.), *Handbook of child psychology* (pp. 1-101). New York: Wiley.
- Marujo, H. A., Miguel Neto, L., & Balancho, L. S. F. (2013). *Emergência, desenvolvimento e desafios da Psicologia Positiva: Da experiência subjetiva à mudança social. Estudos Contemporâneos da Subjetividade, 3(2)*, 180- 201. Recuperado de <http://www.uff.br/periodicoshumanas/index.php/ecos/article/view/1269/880>
- Neto, J., Neto, F., & Furnham, A. (2014). Gender and psychological correlates of self-rated strengths among youth. *Social Indic. Research, 118*, 315-327. doi:10.1007/s11205-013-0417-5
- Norgren, M. B. P., Souza, R. M., Kaslow, F., Hammerschmidt, H. Sharlin, S. A. (2004). Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível. *Estudos de Psicologia (Natal), 9(3)*, 575-584. doi:10.1590/S1413-294X2004000300020
- Noronha, A. P. P., & Barbosa, A. J. C. (2013). Escala de Forças e Virtudes. Universidade São Francisco.
- Noronha, A. P. P., Cobêro, C., Barros, M. V. C., Campos, R. R. F., & Campos, M. I. (2014). Medidas de afectos em domínios específicos. *Universitas Psychologica, 13(2)*, 15-26. doi:10.11144/Javeriana.UPSY13-3.made
- Noronha, A. P. P., Delforno, M. P., & Pinto, L. P. (2014). Afetos positivos e afetos negativos em professores de diferentes níveis de ensino. *Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, 18(2)*, 211-218. doi:10.1590/ 2175-3539/2014/0182733
- Noronha, A. P. P., & Mansão, C. S. M. (2012). Interesses profissionais e afetos positivos e negativos: Estudo exploratório com estudantes de ensino médio. *Psico-USF, 17(2)*, 323- 331. doi:/10.1590/S1413-82712012000200016
- Pacheco, J. T. B., Teixeira, M. A. P., & Gomes, W. B. (1999). Estilos Parentais e Desenvolvimento de Habilidades Sociais na Infância. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 15(2)*, 117-126. doi:10.1590/S0102-37721999000200004
- Park, N., & Peterson, C. (2006). Moral competence and character strengths among adolescents: The development and validation of the values in action inventory of strengths for youth. *Journal of Adolescence, 29(6)*, 891-909. doi:10.1016/j.adolescence.2006.04.011
- Peterson, C., & Park, N. (2006). Classification and Measurement of Character Strengths: implications for practice. In P. A. Linley & S. Joseph (Eds.), *Positive Psychology in Practice* (pp. 433-446). Hoboken, NJ: Wiley.
- Peterson, C., & Seligman, M. E. P. (2002). *Values in action (VIA) classification of strengths*. Values in Action Institute. Recuperado de <http://www.ppc.sas.upenn.edu/viamanualintro.pdf>.

- Peterson, C., & Seligman, M. E. P. (2004). *Character strengths and virtues: a handbook and classification*. Washington, DC: American Psychological Association.
- Pires, J. G., Nunes, M. F. O., & Nunes, C. H. S. S. (2015). Instrumentos Baseados em Psicologia Positiva no Brasil: uma Revisão Sistemática. *Psico-USF*, 20(2), 287-295. doi:10.1590/1413-82712015200209
- Portugal, A., & Isabel, A. M. (2013). A comunicação parento-filial: Estudo das dimensões comunicacionais realçadas por progenitores e por filhos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(3), 479-487. doi:10.1590/S0102-79722013000300007
- Poseck, B. V. (2006). Acercarse a la Psicología Positiva a través de una bibliografía comentada. *Clínica y Salud*, 17(3), 259-276. Recuperado de <http://scielo.isciii.es/pdf/clinsa/v17n3/v17n3a04.pdf>
- Prati, L. E. & Koller, S. H. (2011). Relacionamento conjugal e transição para a coparentalidade: Perspectiva da Psicologia Positiva. *Psicologia Clínica*, 23(1), 103-118. doi:10.1590/S0103-56652011000100007
- Ramos, M. M. & Canavarro, M. C. (2007). Adaptação parental ao nascimento de um filho: Comparação da reatividade emocional e psicossintomatologia entre pais e mães nos primeiros dias após o parto e oito meses após o parto. *Análise Psicológica*, 3(25), 399-413. Recuperado de <http://repositorio.ispa.pt/handle/10400.12/109>
- Reppold, C. T., Pacheco, J., Bardagi, M., & Hutz, C. S. (2002). Prevenção de problemas de comportamento e desenvolvimento de competências psicossociais em crianças adolescentes: uma análise das práticas educativas e dos estilos parentais. In C. S. Hutz (org.), *Situações de risco e vulnerabilidade na infância e adolescência: Aspectos teóricos e estratégias de intervenção* (pp. 7-51). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Schölsser, A. (2014). Interface entre saúde mental e relacionamento amoroso: um olhar a partir da Psicologia Positiva. *Pensando Famílias*, 18(2), 17-33. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-494X2014000200003](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2014000200003)
- Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2010a). Satisfação Conjugal: revisão integrativa da literatura científica nacional. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(3), 525-531. doi:10.1590/S0102-37722010000300015
- Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2010b). Psicologia Positiva e os Instrumentos de Avaliação no Contexto Brasileiro. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23(3), 440- 448. doi:10.1590/S0102-79722010000300004
- Seligman, M. E. (1995). *The optimistic child: a proven program to safeguard children against depression and build lifelong resilience*. New Yorker: Harper Perennial.

- Seligman, M. E. (1998, January). Building human strength: Psychology's forgotten mission. *American Psychologist Association Monitor*. Recuperado de <http://nonopp.com/ar/Psicologia/00/pres.htm>
- Seligman, M. E. & Csikszentmihalyi, M. (2000). Positive Psychology: an introduction. *American Psychologist Association*, 55(1), 5-14. doi:10.1037/0003-066X.55.1.5
- Seligman, M. E. P. (2003). Positive psychology: Fundamental assumptions. *The Psychologist*, 16(3), 126-127.
- Seligman, M. E. P. (2004). *Felicidade autêntica: Usando a nova Psicologia Positiva para a realização permanente*. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva.
- Sheldon, K. M., & Lyubomirsky, S. (2004). Achieving sustainable new happiness: Prospects, practices, and prescriptions. In P. A. Limey, & S. Joseph (Eds.), *Positive Psychology in Practice* (pp. 127-145). Hoboken, N.J.: Wiley.
- Silva, R. A., Horta, B. L., Pontes, L. M., Faria, A. D., Souza, L. D. M., ..., & Pinheiro, R. T. (2007). Bem-estar psicológico e adolescência: Fatores associados. *Cadernos de Saúde Pública*, 23(5). doi:10.1590/S0102-311X2007000500013
- Snyder, C. R., & Lopez, S. J. (2009). *Psicologia Positiva: uma abordagem científica e prática das qualidades humanas*. Porto Alegre: ArtMed.
- Sposito, G., Diogo, M. J. D., Cintra, F. A., Neri, A. L., Guariento, M. E., & Sousa, M. L. R. (2010). Relações entre bem-estar subjetivo e mobilidade e independência funcional por função de grupos de faixas etárias e gêneros em idosos. *Acta Fisiátrica*, 17(3), 103-108. Recuperado de [http://www.actafisiatrica.org.br/detalhe\\_artigo.asp?id=44](http://www.actafisiatrica.org.br/detalhe_artigo.asp?id=44)
- Teixeira, M. A. P., Bardagi, M. P. & Gomes, W. B. (2004). Refinamento de um instrumento para avaliar responsividade e exigência parental percebidas na adolescência. *Avaliação Psicológica*, 3(1), 1-12. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-04712004000100001](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712004000100001)
- Teixeira, M. A. P. & Lopes, F. M. M. (2005). Relações entre estilos parentais e valores humanos: um estudo exploratório com estudantes universitários. *Aletheia*, 22, 51-62. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-03942005000200005](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942005000200005)
- Weber, L. N. D., Brandenburg, O. J., & Viezzer, A. P. (2003). A relação entre o estilo parental e o otimismo da criança. *Psico-USF*, 8(1), 71-79. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/pusf/v8n1/v8n1a10.pdf>

Yunes, M. A. M. (2003). Psicologia Positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. *Psicologia em Estudo*, 8, 75-84. doi:10.1590/S1413-73722003000300010

#### Sobre os autores

Ana Paula Porto Noronha é psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, mestre doutora em Psicologia Pontifícia Universidade Católica de Campinas. É professora doutora do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu da Universidade São Francisco e recebe financiamento de pesquisa do CNPq. E-mail: ana.noronha@usf.edu.br

Helder Henrique Viana Batista é psicólogo pela Universidade São Francisco e mestrando pela Universidade São Francisco e recebe financiamento de pesquisa da CAPES. E-mail: helder.hvb@gmail.com

Recebido em: 04/07/2016

1ª revisão em: 12/09/2016

2ª revisão em: 27/09/2016

Aceito em: 10/10/2016